

**QUANDO OS IMIGRANTES FALAM: VOZES DIASPÓRICAS EM *HOW THE GARCÍA GIRLS LOST THEIR ACCENTS*, DE JULIA ALVAREZ**

WHEN IMMIGRANTS SPEAK: DIASPORIC VOICES IN JULIA ALVAREZ'S *HOW THE GARCÍA GIRLS LOST THEIR ACCENTS*

Tito Matias-Ferreira, Jr.<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo visa discutir a representação ficcional dos imigrantes caribenhos na obra da escritora dominicana-estadunidense Julia Alvarez. Através da análise do romance *How The García Girls Lost Their Accents*, a discussão do presente trabalho será principalmente baseada no impacto da imigração nos sujeitos diaspóricos do romance de Alvarez e na maneira como estes lidam com suas identidades hífenizadas nos EUA. Para tanto, leva-se também em consideração a questão da língua na construção da identidade imigrante, visto que o bilinguismo é um fator chave na negociação que as irmãs García agenciam entre suas porções caribenha e estadunidense.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imigrantes. Bilinguismo. Julia Alvarez.

**ABSTRACT:** This article aims at discussing the fictional representation of Caribbean immigrants in the novel *How The García Girls Lost Their Accents*, by Julia Alvarez. This discussion will be especially based on the impact of immigration on Alvarez's diasporic subjects and the development of their hyphenated identity in the U.S. For this, the paper will also consider the language issue for the construction of the immigrant identity insofar as bilingualism is a key factor in the negotiation the García girls must effect between their Caribbean and their American halves in order to understand where they stand.

**KEYWORDS:** Immigrants. Bilingualism. Julia Alvarez.

Julia Alvarez em seu papel de escritora imigrante e intelectual diaspórica faz uso da língua do lugar geográfico que habita, ou seja, o inglês, para falar sobre a sua condição enquanto “outro” no contexto cultural hegemônico estadunidense e, assim, dar voz ao seu grupo étnico em particular ao escolher a língua inglesa para escrever sobre a vivência das irmãs García em *How the García Girls Lost their Accents*. Sua escrita se torna capaz de apreender assim como assumir todas as responsabilidades de seu passado silenciado, que constantemente parece assombrar o seu presente e, desta maneira, Julia Alvarez propicia um diálogo com seu presente ao estabelecer novos conceitos e, mais importante, falar sobre sua

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos da Linguagem, área de concentração: Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Literatura Comparada também pela UFRN. Especialista em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Graduado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Efetivo do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

diferença.

A possibilidade de falar sobre a sua diferença em relação à sociedade hegemônica estadunidense parece ocorrer a partir do momento em que a identidade hifenizada das irmãs García é desenvolvida pelo lugar que elas habitam, dado que o cenário geográfico colabora com a assimilação de elementos da cultura estadunidense. Da mesma maneira, a habilidade de falar a língua inglesa por morar nos EUA também corrobora o desenvolvimento da identidade hifenizada das García, já que elas necessitavam falar inglês para poder se relacionar com os estadunidenses. Mesmo sendo capazes de manter o uso de sua língua nativa – a língua espanhola –, que contribuiu para que elas preservassem alguns costumes que trouxeram da República Dominicana, as irmãs García fizeram um grande esforço para conciliar a manutenção de sua primeira língua e, ao mesmo tempo, adquirir a língua inglesa.

O espanhol fica cada vez mais difícil de ser compreendido, e o pai delas torna o processo ainda mais complicado já que, depois de algum tempo vivendo nos EUA, as filhas de Carlos García não conseguem compreender seu espanhol: “Yoyo and her sisters were forgetting a lot of their Spanish, and their father’s formal, florid diction was hard to understand” (ALVAREZ, 1992, p. 142)<sup>2</sup>.

Como as irmãs García não estão mais na ilha dominicana precisam aprender a língua local – o inglês – para que assim possam ser aceitas por seus colegas estadunidenses. A partir do momento em que a língua inglesa se torna mais familiar a elas, as meninas também começam a adquirir costumes estadunidenses e, por este motivo, a visão de mundo delas se bifurca: elas têm que lidar com a manutenção de suas tradições caribenhas e a aquisição destes costumes:

Here they were trying to fit in America among Americans; they needed help figuring out who they were, why these Irish kids whose grandparents had been micks were calling them spics. Why had they come to this country in the first place? Important, crucial, final things, and here was their own mother, who didn’t have a second to help them puzzle any of this out [...] (ALVAREZ, 1992, p. 138).<sup>3</sup>

A duplicidade cultural das personagens de Julia Alvarez demonstra o caminho supostamente seguido por um imigrante para se encaixar na sociedade estadunidense que,

<sup>2</sup> Yoyo e suas irmãs estavam esquecendo muito de seu espanhol, e a dicção formal, florida de seu pai era difícil de ser entendida (ALVAREZ, 1992, p. 142, tradução nossa)

<sup>3</sup> Aqui estavam elas tentando se encaixar nos Estados Unidos entre os estadunidenses; elas precisavam de ajuda para compreender quem eram, por que essas crianças irlandesas cujos avós tinham sido micks (Gíria pejorativa usada por estadunidenses para ofender descendentes de Irlandeses.) chamavam-nas de spics. Por que elas vieram para este país em primeiro lugar? Questões importantes, cruciais, finais, e aqui estava a sua própria mãe, que não tinha um segundo para ajudá-las a entender nada disso [...] (ALVAREZ, 1992, p. 138, tradução nossa).

dentre outras questões, tem que escolher entre se tornar bilíngue ou não. A língua permite que as pessoas definam seus lugares no mundo, uma vez que pode servir como um sinal de pertencimento a certa comunidade ou a razão de exclusão da associação àquela comunidade (KING, 2005). Outros escritores contemporâneos têm discutido sobre a possibilidade de pertencimento ou não à cultura estadunidense a partir do momento em que tem que escolher entre falar inglês ou não.

Richard Rodriguez (1996) descreve sua infância nos EUA e o problema de crescer como um imigrante em território estadunidense, assim como ter que lidar com o uso de duas línguas: sua língua pública (inglês), que era regularmente usada na escola, e sua língua privada (espanhol), que era falada por seus pais em sua casa. Rodriguez sente que estas duas esferas começam a colidir quando as freiras da escola em que ele estudava (o lado público) vão à sua casa e ‘invadem’ sua privacidade para solicitar que o Sr. e a Sra. Rodriguez conversem somente em inglês com seus filhos para que assim eles tivessem a chance de se adaptar às escolas e à sociedade estadunidense. A partir do momento em que se torna um adulto, Rodriguez deixa de entender a língua espanhola, que se transforma numa série de sussurros que ele escuta quando se lembra de sua infância. Dessa forma, esta foi a opção dada a Richard Rodriguez: esquecer sua língua nativa e aprender a língua estadunidense para fazer parte da sociedade dos EUA.

Por outro lado, Chérrie Moraga (1994) prega um território estadunidense que possa lidar com diferenças culturais e que não imponha sua língua e costumes a seus imigrantes; um país onde qualquer pessoa possa ter a liberdade de escolher que língua falar, o que vestir e como se apresentar. Moraga entende que isso é algo difícil para os latinos, os povos indígenas dos EUA, os afro-americanos e asiáticos alcançarem, já que eles não possuem o padrão físico anglo-americano porque ‘vestem’ sua etnia em seus rostos (MORAGA, 1994, p. 303). Assim, Moraga clama por uma América onde os padrões possam ser minimizados e possa-se ser o que quiser, utilizando a língua que desejar e fazendo escolhas próprias. Nesse sentido, Gloria Anzaldúa (1987) ressalta que:

A identidade étnica está colada à identidade linguística – eu sou a minha língua. Enquanto eu não puder me orgulhar de minha língua, não posso me orgulhar de mim mesma. Enquanto não puder aceitar como legítimos o espanhol chicano do Texas, o *tex-mex* e todas as outras línguas que eu falo, não posso aceitar minha própria legitimidade. Enquanto não for livre para escrever como bilíngue[ ...], enquanto ainda tiver de falar inglês ou espanhol, quando preferiria falar *spanGLISH*, e enquanto tiver de adaptar-me aos falantes do inglês, em vez de fazer com que eles se adaptem a mim, minha língua será

ilegítima (ANZAULDÚA, 1987, p. 59 *apud* TORRES, 2001, p. 32).

Com efeito, a língua é o principal componente da etnicidade, muitas vezes o principal e o mais tangível, uma vez que “[...] a etnicidade é uma questão de identidade: você é o que você fala ser e o que outras pessoas pensam o que você é” (KING, 2005, p. 299). Segundo Richard Rodriguez, o bilingüismo aumenta a segregação entre os povos dentro do território norte-americano (RODRIGUEZ, 1996). Por outro lado, para Juan Flores e George Yúdice, falar não somente o inglês, mas também sua língua nativa corretamente permite que os imigrantes possam lutar contra o preconceito, assim como a pressão da sociedade estadunidense pela legitimação oficial (FLORES & YÚDICE, 1992). Ao mesmo tempo, Chérrie Moraga acredita que tanto a língua inglesa quanto a espanhola podem ser usadas para expressar a condição do imigrante nos EUA em seus textos críticos, pois se os imigrantes puderem usar ambas as línguas e usá-las bem – não somente a língua, mas também sua cultura imigrante – eles poderão se unir e ‘imaginar’ uma nova cultura: uma cultura no âmbito da qual não haja certo ou errado, padronizados ou marginalizados (MORAGA, 1994). Já Glória Anzaldúa (1987) acredita que sua identidade só estará legítima a partir do momento que tiver a liberdade de decidir que língua ela pode falar nos Estados Unidos. Ademais, King (2005) adiciona que

We should never make the mistake of confusing a language with a dictionary and grammar. Both the effect and the affect of language go well beyond words and rules of grammar. Language touches us in the deep places of our being-- in our identity, in our sense of where we belong. One of the most sensitive of these places is our ethnicity. In ethnicity begins the true study of language as a badge of identity (KING, 2005, p. 301).<sup>4</sup>

Dessa maneira, a língua não existe separadamente da etnicidade, já que é de fato uma das partes mais notáveis de uma etnia (KING, 2005). A língua, então, se torna o ponto de mediação mais evidente da consciência imigrante sobre seu pertencimento a um espaço geográfico.

Julia Alvarez lida com tal questão logo no primeiro capítulo de *How the García Girls Lost their Accents*, intitulado “Antojos”<sup>5</sup>, no qual apresenta a personagem Yolanda García.

---

<sup>4</sup> Nunca deveríamos cometer o erro de confundir uma língua com um dicionário ou uma gramática. Os efeitos e influências de uma língua vão além de palavras e regras gramaticais. A língua nos toca dentro dos lugares mais profundos de nosso ser – em nossa identidade, em nosso senso de onde pertencemos. Um dos lugares mais perceptíveis de tais lugares é a nossa etnicidade. [É] na etnicidade que começa o verdadeiro estudo da língua como símbolo da identidade (KING, 2005, p. 301, tradução nossa).

<sup>5</sup> “Desejos”, (tradução nossa)

Embora a obra apresente a visão das irmãs García em relação ao seu exílio nos Estados Unidos, a percepção da condição imigrante de Yolanda parece ter uma relevância particular na escrita da autora, apesar da personagem narrar somente alguns capítulos de *How the García Girls Lost their Accents*. Além disso, Alvarez publicou outra obra intitulada *Yo*, título que pode ser entendido tanto como o apelido de Yolanda, quanto a tradução do pronome ‘I’ do inglês para o espanhol. *Yo* é considerado uma extensão da estória da família García apresentada primeiramente em *How the García Girls Lost Their Accents*. A autora supostamente busca desenvolver a personagem de Yolanda por ela ter sofrido intensamente os efeitos da imigração.

Yolanda García narra “Antojos”, um dos episódios mais significantes de *How the García Girls Lost their Accents* por funcionar ambigualmente como o início e o fim da obra. Yolanda tem trinta e nove anos de idade e está de volta à República Dominicana depois de cinco anos sem regressar à ilha. Ela procura uma resposta para questões centrais como: ‘Em que lugar me encaixo neste mundo?’, ‘Quem sou eu?’; indagações das quais, aparentemente, nenhum imigrante consegue escapar (SUÁREZ, 2004). A família de Yolanda prepara uma festa de boas-vindas para a parenta com intuito não só de demonstrar alegria por sua chegada, mas também para fazer com que Yolanda não demore tanto tempo para visitá-los: “This is what she has been missing all these years without really knowing that she has been missing it. Standing here [...], she believes she has never felt at home in the United States, never” (ALVAREZ, 1992, p. 12)<sup>6</sup>.

A personagem percebe que, apesar de se encontrar no mesmo espaço físico em que viveu antes dos vinte e nove anos de sua imigração para os Estados Unidos, as pessoas de sua família caribenha que habitavam aquele lugar já estavam completamente mudadas. Grande parte de seus tios já haviam falecido e a casa possuía um grupo de tias viúvas. Há também a presença de suas primas e primos, todos respectivamente acompanhados de seus filhos, cujas feições parecem representações fantasmagóricas dela e de seus primos quando crianças. Sua família quer saber como ela e suas irmãs têm passado e, ao dar início ao relato, Yolanda começa a se confundir entre o inglês e o espanhol:

In halting Spanish, Yolanda reports on her sisters. When she reverts to English, she is scolded, “¡En Español!” The more she practices, the sooner she’ll be back into her native tongue, the aunts insist. Yes, and when she returns to the States, she’ll find herself suddenly going blank over some word

---

<sup>6</sup> Isto era o que ela lhe fazia falta todos esses anos sem saber realmente o que ela sentia falta. De pé aqui [...], ela acredita que nunca se sentiu em casa nos Estados Unidos, nunca (ALVAREZ, 1992, tradução nossa)

in English or, like her mother, mixing up some common phrases (ALVAREZ, 1992, p. 07).<sup>7</sup>

A hesitação de Yolanda ao falar espanhol com sua família na República Dominicana parece representar a própria hesitação da personagem em relação à sua identidade. Yolanda García se encontra hesitante perante a língua que fala e ao lugar que pertence. A imigração anos atrás havia criado um novo espaço, um entre-lugar onde a língua e o lar não eram o inglês/Estados Unidos ou o espanhol/Caribe, mas sim um local permeado por ambos. Por isso Yolanda estava incerta sobre sua verdadeira língua nativa, assim como, não se encontrava segura em assumir com exatidão qual lugar poderia chamar de casa.

Depois de atualizar seus parentes sobre a sua família nos Estados Unidos, Yolanda é convidada a assoprar as velas do bolo que suas primas haviam preparado para celebrar o regresso da moça à ilha. Para reforçar suas origens e tentar lembrar o quão a personagem era tão caribenha quanto elas, suas primas mandam confeccionar um bolo com o formato da República Dominicana. O bolo é decorado com velas que representam as principais cidades da ilha. Antes de assoprar as velas, uma de suas tias pergunta se a sobrinha tem algum *antojo* que desejaria realizar, já que passaria uma temporada maior na ilha. Yolanda não compreende o significado da palavra:

“What’s an antojo? Yolanda asks. See! Her aunts are right. After so many years away, she is losing her Spanish. “Actually is not an easy word to explain.” [...] “An antojo is like a craving for something you have to eat.” [...] An *antojo*, one of the old aunties continues, is a very old Spanish word “from before your United States was even thought of,” she adds tartly. “In fact, in the countryside, you’ll still find some *campesinos* using in the old sense. Altigracia! she calls one of her maids sitting at the other end of the patio. [...] She is asked to tell Yolanda what an *antojo* is. [...] “In my *campo* we say a person has an *antojo* when they are taken over by *un santo* who wants something.” [...] “I’ll tell you what my *santo* wants after five years,” Yolanda says. “I can’t wait to eat some guavas. [...]” (ALVAREZ, 1992, p. 08-09).<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Falando um espanhol hesitante, Yolanda relata sobre suas irmãs. Quando ela reverte para o Inglês, ela é repreendida, “¡En Español!” Quanto mais ela praticar, mais rapidamente ela vai retornar para a sua língua nativa, as tias insistiam. Sim, e quando ela voltar para os Estados Unidos, ela vai de repente ter um branco em relação à algumas palavras em Inglês ou, como sua mãe, irá misturar expressões idiomáticas (ALVAREZ, 1992, p. 07, tradução nossa).

<sup>8</sup> “O que é um antojo? Yolanda pergunta. Vejam! Suas tias estavam certas. Depois de tantos anos de distância, ela está perdendo seu espanhol. “Na verdade, não é uma palavra fácil de explicar.” [...] “Um antojo é como um desejo por algo que você queira comer.” [...] Um antojo, uma de suas velhas tias continua, é uma antiga palavra espanhola “bem antes dos seus Estados Unidos serem sequer imaginados”, acrescenta ela com sarcasmo. “Na verdade, no campo, você ainda vai encontrar alguns camponeses usando-a no sentido original. Altigracia! ela chama uma de suas empregadas domésticas sentadas na outra extremidade do pátio. [...] Ela é solicitada a dizer para Yolanda o que é um antojo. [...] “No meu campo dizemos que uma pessoa tem um antojo quando ela é

Yolanda comenta a vontade de comer goiabas na parte norte da ilha. Curiosamente, as goiabas não são comuns nos Estados Unidos e o seu desejo de comê-las mostra sua distância em relação a sua porção caribenha.

Além disso, como forma de antecipação ao problema que Yolanda possui, ao tentar lidar com sua noção de identidade, os estadunidenses nunca conseguiram pronunciar o seu nome corretamente e a chamavam de ‘Joe’; os pais dela também a chamavam tanto de ‘Yo’ quanto ‘Yoyo’: “Yolanda, nicknamed Yo in Spanish, misunderstood Joe in English, doubled and pronounced like the toy, Yoyo – or when forced to select from a rack of personalized key chains, Joey [...]” (ALVAREZ, 1992, p. 68)<sup>9</sup>. Estas características ecoam a identidade ambígua de Yolanda: quando ela está nos EUA, ela procura por sua porção latina e, quando está na ilha dominicana, Yolanda procura pelos Estados Unidos:

There is so much she wants, it is hard to single out one wish. There have been too many stops on the road of the late twenty-nine years since her family left this island behind. She and her sisters have led such turbulent lives – so many husbands, homes, jobs, wrong turns among them. But look at her cousins, women with households and authority in their voices. Let this turn out to be my home, Yolanda wishes (ALVAREZ, 1992, p. 11).<sup>10</sup>

Yolanda García vivencia aquilo com que a maioria dos imigrantes possivelmente tem que lidar enquanto sujeitos diaspóricos: a negociação de lugares para poder se encontrar, pois “this is the plight of being a hyphenated person: she [Yolanda] is both, none, and sometimes one in the United States and another in the Dominican Republic. It seems that her identity is double and relative [...]” (SUÁREZ, 2004, p. 126)<sup>11</sup>.

A identidade hifenizada da personagem fica evidenciada no final de “Antojos”. Yolanda está perdida na parte norte da ilha dominicana porque seu carro quebrou no meio de

tomada por um santo que deseja alguma coisa.” [...] “Eu vou dizer a vocês o que o meu santo quer depois de cinco anos”, diz Yolanda. “Eu mal posso esperar para comer algumas goiabas. [...]” (ALVAREZ, 1992, p. 08-09, tradução nossa).

<sup>9</sup> Yolanda, apelidada de Yo em espanhol, confundida com Joe em inglês, duplicada e pronunciada como o brinquedo, Yoyo – ou, quando forçada a escolher um chaveiro dentre tantos exemplares, Joey [...] (ALVAREZ, 1992, p. 68, tradução nossa).

<sup>10</sup> Há tanta coisa que ela quer, é difícil destacar um único desejo. Houve também muitas paradas na estrada nestes últimos 29 anos desde que sua família deixou a ilha para trás. Ela e suas irmãs levaram vidas tão turbulentas – tantos maridos, casas, empregos, caminhos errados entre eles. Mas veja as suas primas, mulheres com as famílias e autoridade em suas vozes. Que esta seja a minha casa, Yolanda deseja (ALVAREZ, 1992, p. 11, tradução nossa).

<sup>11</sup> esta é a dor de ser uma pessoa hifenizada: ela [Yolanda] é ambas, nenhuma, e às vezes uma nos Estados Unidos e outra na República Dominicana. Parece que sua identidade é dupla e relativa [...] (SUÁREZ, 2004, p. 126, tradução nossa)

uma plantação de goiabas. Anoitecerá logo e ela se assusta ao ver alguns camponeses voltando do trabalho no campo. Dois homens se aproximam e se oferecem para consertar o carro. Eles conversam com ela em espanhol e ela não consegue respondê-los na mesma língua, apesar de ser capaz de entender claramente tudo que eles dizem:

“Can we help you?” the shorter man repeats. The handsome one smiles knowingly. [...] “*Americana*,” he says to the darker man, pointing to the car. “*No comprende*.” The darker man narrows his eyes and studies Yolanda a moment. “¿*Americana?*” he asks her, as if not quite sure what to make of her. [...] She claps her hands on her chest – she can feel her pounding heart – and nods. Then, as if the admission itself looses her tongue, she begins to speak English, a few words, of apology at first, then a great flood of explanation [...]. The two man stare at her, uncomprehending, rendered docile by her gibberish. Only when she mentions the name Miranda do their eyes light up with respect. She is saved! (ALVAREZ, 1992, p. 20-21).<sup>12</sup>

Yolanda não consegue falar em espanhol com os camponeses e, por causa de seu medo, balbucia somente palavras em inglês. Além disso, falar inglês com eles alude a uma possível dominação dos Estados Unidos sob outros países economicamente desfavorecidos, como a República Dominicana. Mencionar o nome dos Miranda também a posiciona como alguém que deva ser respeitado. No meio disso tudo, Yolanda García então se lembra do que sua amiga lhe disse uma vez: “That poet she [Yolanda] met at Lucinda’s party the night before argued that no matter how much of it one lost, in the midst of some profound emotion, one would revert to one’s mother’s tongue” (ALVAREZ, 1992, p. 13)<sup>13</sup>. Ao contrário do que parece propor o poeta da recordação, por medo dos camponeses, ela não consegue falar espanhol e passa a se amedrontar com a sua própria realidade: Yolanda não é capaz de se comunicar por meio de sua suposta língua materna – o espanhol – e, mais importante, se sente como uma estrangeira dentro de sua própria terra (SUÁREZ, 2004, p. 131).

Da mesma maneira, Salman Rushdie afirma que o esforço lingüístico sofrido pelos imigrantes reflete outros esforços deles na vida real: o esforço em conciliar duas culturas entre

<sup>12</sup> “Podemos ayudá-la?” O homem mais baixo repete. O outro bonitão sorri propositalmente. [...] “*Americana*”, diz ele ao homem mais escuro, apontando para o carro. “*No comprende*.” O homem mais escuro aperta os olhos e estuda Yolanda por um tempo. “¿*Americana?*”, Ele pergunta a ela, como se não tivesse certeza de onde ela era. [...] Ela coloca as mãos em seu peito – ela consegue sentir seu coração batendo – e acena positivamente com a cabeça. Então, como se aquela própria admissão soltasse a sua língua, ela começa a falar Inglês, algumas palavras, de desculpas em primeiro lugar, em seguida, uma grande inundação de explicações [...]. Os dois homens olham para ela, sem entender, escutando docilmente suas palavras incompreensíveis. Só quando ela menciona o nome Miranda, seus olhos se iluminam com respeito. Ela está salva! (ALVAREZ, 1992, p. 20-21, tradução nossa).

<sup>13</sup> aquele poeta que ela [Yolanda] conheceu na festa da Lucinda na noite anterior argumentou que, independente do quanto se tenha perdido, no meio de uma profunda emoção, nos revertermos a nossa língua nativa (ALVAREZ, 1992, p. 13, tradução nossa)



eles (RUSHDIE, 1990). E isto é o que acontece com Yolanda quando ela se encontra na plantação de goiabas: ela tem que conciliar sua existência entre os dois mundos a que pertence e, quando se vê em uma situação de perigo, prefere falar inglês devido à associação de poder que a língua inglesa tem na República Dominicana.

No fim de “Antojos”, a tentativa da personagem de definir sua identidade fracassa. O sentimento de pertencer tanto aos Estados Unidos quanto à República Dominicana ou de não pertencer a nenhum dos dois países enfatiza sua condição como de outros imigrantes de “international beings” (IYER, 1993, p. 46)<sup>14</sup> pois, devido à imigração, parece se encontrar entre duas culturas. Rushdie pondera sobre a condição de viver na fronteira ao escrever sobre o dilema do sujeito diaspórico que acomete tanto Yolanda García quanto as outras personagens de *How the García Girls Lost their Accents*:

[...] Or was it that her heart, roped by two different loves, was being pulled both East and West, whinnying and rearing, like those movie horses being yanked this way by Clark Gable and that way Montgomery Clift, and she knew that to live she would have to choose? (RUSHDIE, 1990, p. 209).<sup>15</sup>

Como Rushdie mostra em sua metáfora acima da personagem ser puxada para o Leste e o Oeste por duas cordas diferentes amarradas em seu pescoço e a fim de escolher em que lado ficar, um dos dilemas do sujeito diaspórico contemporâneo parece ser ter que decidir entre seus lares múltiplos, uma vez que “[...] this [these] tradition[s] of multiple home[s] are invariably concerned with identity (...)” (IYER, 1993, p. 49)<sup>16</sup>. Com isso, as irmãs García, além de possuírem uma identidade hifenizada por meio de sua condição diaspórica, adquirem também o status de mulheres traduzidas.

Outra vez, de acordo Rushdie, um indivíduo traduzido é aquele nascido entre dois mundos. Os imigrantes também experimentam uma translação, um movimento que os faz perder algo de seu país de origem, mas também adquirir algo de novo desta nova localidade (RUSHDIE, 1990). Igualmente, a faceta mais visível deste processo é a aquisição de uma nova língua, já que “language choice is not only an effective means of communication but also an act of identity” (WEI, 2000, p. 17)<sup>17</sup>. E esta é, dentre outras características, o que faz

<sup>14</sup> sujeitos internacionais (IYER, 1996, p. 46, tradução nossa)

<sup>15</sup> [...] Ou era como se seu coração, amarrado por dois amores diferentes, estava sendo puxado por ambos Leste e Oeste, gritando e relinchando como aqueles cavalos de filmes sendo laçados de um lado por Clark Gable e do outro lado por Montgomery Clift, e ela sabia que para viver ela teria que escolher? (RUSHDIE, 1990, p. 209, tradução nossa).

<sup>16</sup> [...] esta[s] tradiç[ões] de lar[es] múltiplo[s] está[ao] invariavelmente ligadas à identidade [...] (IYER, 1993, p. 49, tradução nossa)

<sup>17</sup> a escolha linguística não é somente um meio efetivo de comunicação, mas também um ato de identidade

com que as García sejam consideradas mulheres hifenizadas, já que sua nova existência nos Estados Unidos as torna Dominicana-Estadunidenses, ao evidenciar o seu estado de viver entre-lugares.

Apesar da característica mais evidente de um sujeito diaspórico ser a sua habilidade de mediar dois mundos por meio da habilidade de falar mais de uma língua, Zentella (2003) assegura que o uso da língua inglesa pelos latinos é monitorado e corrigido pelos estadunidenses que vivem ao seu redor e que o uso da língua espanhola é censurado e somente ‘aceitável’ em lugares considerados ‘étnicos’. De tal modo, segundo Santiago (2000):

Evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta. Um só Deus, um só Rei, uma só Língua: o verdadeiro Deus, o verdadeiro Rei, a verdadeira língua. Como dizia recentemente Jacques Derrida: “O signo e o nome da divindade têm o mesmo tempo e o mesmo lugar de nascimento.” Uma pequena correção se impõe na última parte da frase, o suplemento de um prefixo que visa a atualizar a afirmativa “... o mesmo tempo e o mesmo lugar do renascimento” (SANTIAGO, 2000, p. 14).

Assim, misturar inglês e espanhol nos Estados Unidos é, em geral, repreendido. Tal vigilância em torno dos latinos, assim como em torno dos imigrantes, não proporciona nenhuma melhora na comunicação entre estadunidenses e imigrantes, nem se quer fortalece uma unidade nacional; cria-se, na verdade, uma tensão entre povos (ZENTELLA, 2003).

As irmãs García, também, vivenciam a mesma tensão por todo o romance de Julia Alvarez, ao tentar balancear suas porções caribenha e estadunidense. Neste processo, as García negociam entre a pressão de seus colegas de escola nos EUA de ter que entender e falar inglês, assim como a pressão imposta por seus pais de manter suas tradições caribenhas. Assim, a habilidade das irmãs García de falar tanto inglês quanto espanhol fortaleceu seus sentimentos de viver entre dois mundos, que as fez adquirir uma identidade traduzida (RUSHDIE, 1990) e realçou sua ‘mirada estrábica’.

Dessa forma, em um país linguisticamente diverso como os Estados Unidos,

social identification is accomplished through language choice. [...] a speaker reveals and defines his or her social relationships with other people by choosing one or other of the two languages or more languages in his/her repertoire. [...] Language, together with culture, religion and history, becomes a major component of identity (WEI, 2000, p. 12).<sup>18</sup>

---

(WEI, 2000, p. 17, tradução nossa)

<sup>18</sup> a identificação social só é alcançada por meio da escolha linguística. [...] um falante revela e define as suas

Portanto, o romance *How the García Girls Lost their Accents* assume que o “sotaque” das irmãs García, ou melhor, os idiomas que falam são o aspecto fundamental “[of] the negotiation between assimilation and contestation, memory and self-invention, exposing the need to embrace the two languages [English and Spanish] as part of a constructive whole for Latino/a communities” (SUÁREZ, 2004, p. 128)<sup>19</sup>. Além disso, como Wei (2000) propõe,

every time we say something in one language when we might just easily have said it in another, we are reconnecting with people, situation and power configurations from our history of past interactions and imprinting on that history our attitudes towards the people and the languages concerned. Through language choice, we maintain and change ethnic boundaries and personal relationships, and construct and define ‘self’ and ‘other’ within a broader political economy and historical context (WEI, 2000, p. 15)<sup>20</sup>.

Na mesma proporção, as irmãs García têm que lidar com duas culturas, que fazem com que elas desenvolvam sua identidade hifenizada “with dual codes of behavior and two languages that define and defy them” (SUÁREZ, 2004, p. 127)<sup>21</sup>. Por fim, os episódios das vidas das irmãs García retratados por Julia Alvarez parecem apresentar o que os imigrantes aparentemente poderão vivenciar em seu novo espaço geográfico ao ter que escolher entre se tornar bilíngue ou não, pois mostra que a habilidade das García de falar tanto o inglês quanto o espanhol salientou sua condição de viver entre dois mundos e, assim, evidenciou o desenvolvimento de suas identidades traduzidas ao apontar sua duplicidade cultural enquanto sujeitos diaspóricos.

---

relações sociais com outras pessoas ao escolher uma ou outra das duas ou mais línguas de seu repertório. [...] A língua, junto com a cultura, a religião e a história, se torna o principal componente da identidade (WEI, 2000, p. 12, tradução nossa).

<sup>19</sup> [da] negociação entre a assimilação e a contestação, a memória e a auto-invenção, ao expor a necessidade de se abraçar as duas línguas [Inglês e Espanhol] como parte de um todo construtivo da comunidade Latina (SUÁREZ, 2004, p. 128, tradução nossa)

<sup>20</sup> toda a vez que nós dizemos algo em uma língua quando poderíamos facilmente tê-lo dito em outra, nós nos reconectamos com pessoas, configurações de situações e poder de nossa história de interações passadas e imprimimos naquela história nossas atitudes a respeito das pessoas e línguas envolvidas. Através da escolha linguística, nós mantemos e mudamos nossas fronteiras étnicas e relações pessoais, e construímos e definimos o ‘eu’ e o ‘outro’ dentro de um contexto histórico, econômico e político mais amplo (WEI, 2000, p. 15, tradução nossa).

<sup>21</sup> com dois códigos de comportamento e duas línguas que as definem e as confrontam (SUÁREZ, 2004, p. 127, tradução nossa)

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Julia. **How the Garcia girls lost their accents**. New York: Plume, 1992.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. California: Aunt Lute Books, 1987.
- FLORES, Juan; YÚDICE, George. Fronteiras Vivas/Buscando América: as línguas da formação latina. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) **Y Nosotros Latinoamericanas?** Estudo sobre gênero e raça. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992. p. 69-86.
- IYER, Pico. The Empire Writes Back. **Time**, February 8, 1993, p. 46-51.
- KING, Robert. Ethnicity and Language. In: **Encyclopedia of Linguistics**, v. 1, n. 1, p. 299-301, 2005.
- MORAGA, Chérrie. Art in América con Acento. In: FERNANDEZ, Roberta. (Ed.). **In Other Words**. Literature by Latinas of the United States. Houston, TX.: Arte Publico Press, 1994. p 300-306.
- RODRIGUEZ, Richard. Aria: A Memoir of a Bilingual Childhood. In: LESTER, James D. (Ed.). **Diverse Identities**. Classic Multicultural Essays. Lincolnwood, IL: NTC Publishing Group, 1996. p. 40-52.
- RUSHDIE, Salman. Imaginary homelands. In: \_\_\_\_\_. **Imaginary homelands**. London: Granta Books, 1990. p. 9-21.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: \_\_\_\_\_. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.
- SUÁREZ, Lucía M. Julia Alvarez and the anxiety of Latina representation. **Meridians: feminism, race, transnationalism**, v. 5, n. 1, p. 117-145, 2004.
- TORRES, Sonia. **Nosotros in USA: literatura, etnografia e geografias de resistência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- WEI, L. Dimensions of Bilingualism. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **The Bilingualism Reader**. London: Routledge, 2000. p. 178-210.
- ZENTELLA, Ana Celia. “José, can you see?” Latin@ Responses to Racist Discourse. In: SOMMER, Doris (Ed.). **Bilingual Games**. Some Literary Investigations. New York, N.Y.: Palgrave Macmillan, 2003. p. 51-66.

Data de recebimento: 14/02/2015

Data de aprovação: 10/12/2015